

Missão em Moscovo¹

Joseph E. Davies²

(Excertos)

Nota do Editor

O livro Missão em Moscovo, do diplomata norte-americano, Joseph E. Davies, publicado pela primeira vez em 1941 nos EUA, contém mormente as impressões e observações registadas pelo autor, durante a sua estadia na capital soviética na qualidade de embaixador dos EUA, entre o início de 1937 e meados de 1938.

Os factos que anotou e a evolução das suas conclusões, já depois de ter saído de Moscovo, chegam-nos de forma fragmentária através de documentos diversos, organizados cronologicamente entre Novembro de 1937 e Outubro de 1941, nomeadamente despachos confidenciais para o Departamento de Estado da Defesa dos EUA, correspondência particular e anotações em dois diários, um designado «Jornal», mantido para fins profissionais, e o outro «Diário», de cariz mais pessoal.

O testemunho que estes textos nos oferecem é o de um observador exterior não simpatizante com os ideais do comunismo, aliás, Joseph E. Davies, no prefácio a este livro, define-se a si próprio como um «individualista», confessando-se admirador do capitalismo enquanto «uma faceta do individualismo».

No entanto, a qualidade da sua observação e a honestidade dos seus raciocínios tornam este livro num admirável fresco da época, que, pela sua verosimilhança, constitui um documento histórico de inegável valor.

Não surpreende pois que vários investigadores se tenham apoiado nele, procurando reconstituir a verdade histórica da URSS e, em particular, do período das chamadas «repressões», «depurações» ou, como mais recentemente foi designado pelos inimigos do socialismo, o período do «grande terror», expressão à qual, curiosamente, Davies nunca faz referência nos seus escritos, o que parece atestar senão a sua introdução pelo menos a sua posterior generalização para fins de propaganda anticomunista.

¹ *Mission to Moscow, by the former U.S. ambassador to Russia, Joseph E. Davies, The Blakiston Company, Philadelphia, Pocket Books, Nova Iorque, Novembro de 1943, 6ª edição. A primeira edição desta obra foi publicada em Dezembro de 1941 pela Simon and Schuster, que produziu ao todo 13 edições até Outubro de 1942. (N. do T.)*

² *Joseph E. Davies foi designado embaixador dos EUA na União Soviética em Novembro de 1936 e assumiu funções em Moscovo entre Janeiro de 1937 e 6 de Junho de 1938. (N. do T.)*

De resto, ainda como nota de curiosidade que denota a aceitação geral que mereceu no seu tempo, Missão em Moscovo teve não só grande êxito editorial, com 13 edições em menos de um ano, como foi de imediato adaptado ao cinema num filme homónimo, rodado por Michael Curtiz, o realizador de Casablanca, e estreado nos Estados Unidos em 1943, ano em que foi nomeado para um Oscar. Mais tarde, em 1947, também este filme seria proscrito e declarado como propaganda comunista durante o processo inquisitório que ficou conhecido como os «Dez de Hollywood», conduzido pela Comissão Sobre Actividades Anti-Americanas, que baniu centenas de criadores dos meios artísticos dos EUA.

Os excertos que publicamos, traduzidos do original em inglês, referem-se sobretudo ao processo da «Organização Militar Trotskista Anti-Soviética», encabeçada pelo marechal Tukhatchévski, julgado em tribunal marcial, em Junho de 1937, e aos julgamentos públicos que ficaram conhecidos como «processos de Moscovo, designadamente ao segundo, realizado em Janeiro de 1936, que envolveu 17 arguidos, entre os quais estavam Rádek, Piátakov e Sokólkikov; e ao terceiro e último, ocorrido em Março de 1938, tendo Bukhárine como principal acusado, ao lado de Ríkov, Rakóvski, Krestínski e Iágoda, num total de 21 arguidos.

Para além da avaliação que faz destes processos, Joseph E. Davies dá-nos conta de alguns dos principais acontecimentos políticos económicos e sociais que marcaram esta etapa decisivo da luta de classes na União Soviética no final dos anos 30.

*CN
19 Agosto 2009*

Generais do Exército Vermelho fuzilados³

Jornal

Londres, 11 de Junho de 1937

A imprensa publica a extraordinária notícia de que, após um julgamento secreto, o Colégio Militar condenou à morte o marechal Tukhatchévski, e os generais Putna, Iakir, Ubórevich, Feldman, Kork, Primakov e Eideman, por «revelação regular e directa de segredos militares a uma determinada potência fascista hostil e por trabalharem como espões para provocar a queda do Estado soviético e restaurar o capitalismo».

O júri era composto pelo juiz Ulrikh e oito oficiais do exército, dois dos quais, o marechal Bliúkher (que veio do Extremo Oriente soviético) e o velho herói bolchevique, marechal Budióni, pronunciaram a sentença de morte, segundo relataram os jornais.

Os generais condenados tinham, até há bem pouco tempo, o controlo de quase todos os principais comandos militares na parte europeia da Rússia, incluindo os de Minsk, Kíev e Khárkov, enquanto o general Putna tinha sido adido militar em Londres. O general Feldman foi intendente geral e chefe de pessoal e o general Eideman tinha sido presidente da *Ossaviakhim* (Associação de Assistência à Defesa e Experimentação Aérea e Química).⁴

De acordo com o informe oficial do julgamento, os prisioneiros confessaram-se culpados das acusações e admitiram expressamente que, desde há bastante tempo, agiam como espões e como agentes de um Estado vizinho, ao qual entregaram todos os segredos militares da União Soviética.

12 de Junho – O governo anunciou que os oito homens condenados foram fuzilados.⁵



A morte dos generais do Exército Vermelho⁶

28 de Junho de 1937

Excelentíssimo Sumner Welles.⁷

Meu caro Sumner:

A situação aqui é desconcertante, como de costume. A opinião daqueles que estão cá há mais tempo é de que esta situação é mesmo muito grave; as opiniões mais esclarecidas parecem acreditar que, com toda a probabilidade, havia uma clara conspiração do Exército para realizar um golpe de Estado – não necessariamente anti-Stáline, mas antipolítica e anti-Partido – que Stáline golpeou com a sua característica rapidez, audácia e força. Uma violenta «purga» está em curso por todo o país.

A opinião das mentes mais seguras dos corpos diplomáticos é de que o governo não está em perigo iminente e continua forte; tudo isto, no entanto, está sujeito à reserva de que tudo depende de se e a que ponto o exército foi seriamente infectado e apartado da

³ Págs. 135-136 da edição acima referida. (N. do Ed.)

⁴ A *Ossaviakhim* (*Óbchestvo Sodéistvia Oborone, Aviatsionnomu e Khimitcheskomu Stroitelstvu*) Fundada oficialmente em 1927, sucedendo a duas outras organizações de voluntários civis (ver nota mais alargada no final). (N. do Ed.)

⁵ Para além dos oito arguidos que o autor refere, no processo foi também acusado Ian Boríssovítch Gamárnik (ver nota biográfica no final do texto). (N. do Ed.)

⁶ Págs. 141-142. (N. do Ed.)

⁷ Sumner Welles era sub-secretário de Estado dos EUA. (N. do T.)

burocracia de Stáline. A impressão geral é de que não o foi, mas ninguém o sabe. Este é o factor imponderável da situação.

No Inverno passado, Eden⁸ rejeitou as propostas alemãs, que faziam menção a ajudas económicas através das colónias ou de outra forma, a menos que a segurança política seja assegurada, tanto na Europa de Leste como na Europa Ocidental. A demonstração dos aviões e tanques russos em Espanha⁹ teve um efeito assustador nos comandos militares alemães e italianos. Isto é geralmente admitido.

A força do Exército Vermelho e a declarada e bem reconhecida fidelidade da URSS à paz são vistos como um nítido factor de manutenção da paz na Europa, que pode contribuir decisivamente para o equilíbrio do poder e reforço do «bloco» democrático.



Vida em Moscovo¹⁰

Moscovo, 30 de Junho de 1937

Querida «Ekay»:¹¹

Passámos uma noite muito agradável na embaixada norueguesa (...) Como de costume, as opiniões foram exageradas e excessivas, o que está relacionado com a descrição feita pela imprensa estrangeira do efeito das «purgas» no Exército Vermelho nas condições existentes em Moscovo. Mas no que diz respeito a Moscovo, aparentemente, está tudo tão sereno como este dia de Junho. Tão normal, em todos os aspectos, como quando estiveste aqui. É claro que há muita agitação, excitação e mexeriquice nos corpos diplomáticos, com numerosos e misteriosos cochichos, que insinuem grandes consequências de informações que têm sido transmitidas à volta de chávenas de chá; e talvez haja, sob a superfície, e provavelmente há, muita efervescência no povo russo. Mas isto é a Rússia e, aparentemente, as coisas terão acalmado definitivamente. O cerne da questão é se o moral do exército foi destruído pelo fuzilamento daqueles generais ou se a sua lealdade a Stáline foi afectada. Se Stáline mantiver a lealdade do exército, estará politicamente mais solidamente entrincheirado do que nunca, já que terá esmagado qualquer potencial rivalidade ou liderança.



Diário

Moscovo, 4 de Julho de 1937

Comemorações do 4 de Julho¹² durante a tarde, recepção das cinco às sete. Todos os corpos diplomáticos compareceram. Estiveram cerca de 20 a 25 oficiais soviéticos, de Litvínov para baixo – incluindo o juiz Ulrikh e a sua esposa (ele presidiu a todos os julgamentos das purgas). Tive uma agradável conversa com Litvínov. Contei-lhe muito

⁸ Robert Anthony Eden (1897-1977), conservador britânico, ministro dos Negócios Estrangeiros em três períodos (1934-35, 1935-38 e 1940-45), liderou a oposição parlamentar entre 1945-51, tornando-se primeiro-ministro em 1955-57. (N. do Ed.)

⁹ Na Guerra Civil de Espanha. (N. do T.)

¹⁰ Págs.142-143 (N. do Ed.)

¹¹ Minha filha. (Nota do autor)

¹² Dia da Independência dos EUA. (N. do T.)

francamente as reacções nos EUA e na Europa Ocidental relativamente às purgas e às execuções dos generais do Exército Vermelho; que estas tinham sido más e nefastas para a reputação internacional da URSS. Na minha opinião, abalaram a confiança da França e da Inglaterra na força da URSS frente a Hitler.

Litvínov foi muito franco. Disse que tiveram de «se assegurar», através das purgas, de que não haveria mais traições que pudessem aproveitar a Berlim ou a Tóquio; e que um dia o mundo viria a compreender que tudo foi feito para proteger o governo de uma «traição ameaçadora». Na realidade, disse ele, estavam a prestar um serviço ao mundo inteiro protegendo-se contra a ameaça nazi e de Hitler de dominação do mundo e preservando deste modo a força da União Soviética como um baluarte contra o perigo nazi. Um dia, o mundo apreciará o quão grande homem foi Stáline.



Uma operação de grande envergadura está decorrer aqui¹³

10 de Julho de 1937

Excelentíssimo Sumner Welles

Meu caro Sumner:

Não há dúvida de que uma operação de grande envergadura está a decorrer aqui. Na aparência tudo está calmo. Não vê nada de estranho nas ruas ou entre as multidões, mas há rumores constantes, tanto por confirmar como confirmados, de pessoas proeminentes de todos os sectores que foram presas ou liquidadas.

O prognóstico não é assim tão simples. Existem demasiados factores aqui que são imponderáveis. Há o perigo de uma guerra externa e também o perigo de assassinato. Qualquer um deles pode frustrar eventuais planos e baralhar qualquer cálculo. Contudo, se o exército se mantiver leal a Stáline, e há indicações de que o fará, então este governo ficará mais solidamente entrincheirado no poder ao nível interno, pelo menos durante algum tempo, do que estava até agora.

Existem muitas indicações de que a França perdeu confiança no poderio do seu aliado russo. Em Inglaterra fiquei impressionado pelo sentimento geral de que o país ficaria num estado deplorável se tivesse de revezar a França, com as suas fraquezas internas, e a Rússia, nas actuais condições.

A opinião sobre o poderio russo é completamente oposta à que havia há três meses atrás. Isto refere-se tanto à força política e governamental do regime como à força do Exército Vermelho. Não me surpreenderia se esta opinião se invertesse novamente dentro de três meses, dada a rapidez dos acontecimentos. Eles não eram tão fortes como se pensava há três meses atrás e não estão tão fracos agora como se supõe.

A força humana aqui é tremenda. O potencial dos conceitos ideológicos e da devoção «à causa» encontrado nestas pessoas é extraordinário e inspira admiração. Além disso, este país é tremendamente rico e, apesar de todas as ineficiências do controlo burocrático e político da indústria, tem de haver, e haverá, uma reserva de realização que, devido ao tamanho do país, será muito poderosa. Demais a mais, eles têm feito algumas coisas extraordinariamente boas por aqui e naquilo que vejo há muito para admirar e respeitar. Mas o preço que pagam é demasiado alto.



¹³ Págs. 152-153. (N. do Ed.)

«Ninhos» de alegados traidores¹⁴

Moscovo, 13 de Julho de 1937

Jornal

O governo está certamente a ser persistente na limpeza de quaisquer possíveis ninhos de «agressão interna», como lhes chama Litvínov.

A Moscovo chegaram notícias do fuzilamento, no Extremo Oriente, de 61 «líderes e membros da organização terrorista diversionista de espionagem trotskista-nipónica-germânica que operava nos caminhos-de-ferro do Extremo Oriente e fornecia sistematicamente informações a um determinado serviço de espionagem estrangeiro.»

+++

Por que fuzilaram Tukhatchévski?¹⁵

Moscovo, 28 de Julho de 1937

Despacho n.º457

Para o Excelentíssimo Secretário de Estado

O fuzilamento dos generais do Exército Vermelho em 12 de Junho e a crise geral que se seguiu¹⁶

Estritamente confidencial

Senhor:

Várias semanas passaram desde o julgamento e o fuzilamento de altos oficiais do Exército Vermelho. Ocorreu-me que seria de algum interesse para si, e para o Departamento, ter a minha análise do que aconteceu desta perspectiva vantajosa, bem como a minha avaliação do significado e resultados destes acontecimentos para o actual regime.

¹⁴ Pág. 153. (N. do Ed.)

¹⁵ Págs. 167-180. (N. do Ed.)

¹⁶ A propósito deste despacho, deve ter-se em conta a sequência dos acontecimentos. A acta do julgamento de Rádek, realizado em Janeiro de 1937, não continha praticamente nenhuma referência ao marechal Tukhatchévski ou aos generais do Exército Vermelho. Na verdade, quando o nome de Tukhatchévski foi mencionado, o procurador esforçou-se por absolvê-lo de qualquer acusação possível.

Imediatamente após este julgamento, houve sinais claros de grande actividade da parte das autoridades do Krémline, que culminaram com o fuzilamento dos generais do Exército Vermelho, em Junho.

O julgamento de Bukhárine só se realizou em Março de 1938. Foi neste julgamento que, pela primeira vez, foram feitas acusações específicas e detalhadas contra o Exército Vermelho, implicando alguns dos seus líderes nas actividades da «quinta-coluna».

Este despacho foi escrito antes do julgamento de Bukhárine e num momento em que todos estávamos ainda no escuro. Ele mostra como muitos de nós não percebemos o verdadeiro significado destes acontecimentos, relativamente a uma possível traição e colusão com a Alemanha cujos desenvolvimentos subsequentes demonstraram. (Nota do autor)

O julgamento, condenação e execução destes oficiais, a fina-flor do Exército Vermelho, teve lugar em 12 de Junho. Os acontecimentos desenvolveram-se com tal velocidade de relâmpago e tão formidável e trágica força que, por algum tempo, parecia difícil obter uma avaliação ponderada da situação. Havia não só muita confusão e violência, mas também opiniões preconceituosas entre os diplomatas e outros observadores em Moscovo.

Aqui, como na Europa, houve todo o tipo de rumores. Alguns deles afirmavam que existia uma clara conspiração no Exército Vermelho para derrubar o governo de Stáline; que um golpe de estado bonapartista, com o marechal Tukhatchévski no papel de corso, tinha falhado; que teria sido estabelecido um acordo preciso entre esses generais do Exército Vermelho e a *Reichswehr*¹⁷ para cooperar com a Alemanha no âmbito de um *putsch* alemão na Ucrânia; que tudo isto fazia parte de uma conspiração mais vasta de Trótski com o propósito de destruir o regime de Stáline através de uma guerra externa, da qual poderia surgir um novo estado-tampão entre o Oriente e a Europa para salvar o «verdadeiro» comunismo com a ajuda do Exército Vermelho; que Stáline era o «homem doente do Krémline», que sofria de um complexo de histeria com aberrações mentais de perigo pessoal, o que teria resultado no fuzilamento de todos os que atentavam contra a sua proeminência, já que via neles uma ameaça à sua segurança; que Stáline teve graves problemas de coração e que foi tratado por um famoso médico austríaco (o que é possivelmente verdade); que os seus medos estavam a ser instigados por um grupo de novos e ambiciosos membros da polícia secreta (*NKVD*), que estariam «dobrando as úteis charneiras do joelho»¹⁸ e demonstrando a sua lealdade e eficiência de forma sempre crescente, inventando constantemente novas alegadas conspirações (que não existiam); que o exército estaria envolvido numa luta de morte com a polícia secreta, suscitada por rancores no exército causados pela espionagem da polícia secreta sobre os oficiais do exército, relacionada com estes julgamentos políticos e as alegadas conspirações de Trótski; que todo o exército estava impregnado de sentimentos anti-Stáline e que era um viveiro da contra-revolução; que Vorochílov – comissário da Defesa – também era um dos suspeitos em perigo de execução iminente; que toda a estrutura económica estava desmoralizada devido a estas «purgas partidárias» e se encontrava em perigo de colapso; que estavam a decorrer fuzilamentos em massa por toda a União Soviética em grande escala; que um colapso económico com uma revolução violenta e o derrube do governo estavam iminentes.

A maioria destes rumores foi lançada pela imprensa estrangeira hostil. Inventaram-se histórias para fazer crer que o Exército Vermelho estava a «marchar» sobre Moscovo; que o Exército Vermelho provavelmente faria uma demonstração no Ocidente (Polónia) de forma a desviar atenções dos seus problemas internos, *etc.*

Estes rumores e teorias são um indicador da atitude febril que naturalmente incidiria sobre uma situação de natureza tão trágica e que foi completamente encoberta por falta de informação. Alguns destes rumores são possivelmente verdadeiros.

Visões em Moscovo sobre estes rumores

A teoria do «homem doente do Krémline» é universalmente desconsiderada. Stáline teve alguns problemas cardíacos, tal como tem tido aqui a maioria dos homens no governo; mas

¹⁷ *Reichswehr* – designação dada às forças armadas alemãs entre 1919 e 1935, altura em que passam a ser designadas de *Wehrmacht*. (N. do Ed.)

¹⁸ Trata-se de uma citação da peça *Hamlet* (acto III cena II), de Shakespeare: «*and crook de pregnant hinges of the knee*», conforme a tradução da edição bilingue, Europa América, Livros de Bolso, n.º 312, pág. 64. No texto clássico, a expressão completa é: «*dobrem as úteis charneiras do joelho quando o servilismo rasteiro pode render*». (N. do Ed.)

ele tem sido visto de muito perto em numerosas ocasiões, muito recentemente pelo autor destas linhas, e parece forte, vigoroso, saudável e normal.

Além disso, nos círculos diplomáticos, de modo geral, a responsabilidade destas execuções, num sentido estritamente pessoal, não é atribuída a Stáline. Ele inspira um grande respeito, à parte destes terríveis acontecimentos. É geralmente considerado por ser um homem moralmente íntegro, modesto, reservado, um homem com uma única finalidade, um único propósito em mente, devotado ao comunismo e à elevação do proletariado. A responsabilidade é geralmente atribuída à «acção do Partido», através dos seus líderes partidários. Evidentemente que, a este respeito, é geralmente considerado que Stáline possui de longe o carácter mais forte e que é o que podemos designar como o tipo de «chefe compreensivo», o que faz com que pareça que os seus associados tomam as suas próprias decisões.

No que se refere à alegada culpabilidade destes generais do exército em actos manifestos de efectiva conspiração com o governo alemão, a opinião geral aqui é de que a acusação não é justificada, embora deva assinalar que dois embaixadores muito bem informados, com os quais discuti o assunto, declararam ser sua convicção de que provavelmente há alguma verdade nas alegações.

Várias semanas passaram entretanto e as opiniões arrefeceram. Durante este período tenho feito um esforço para aprofundar os factos e procurar moderar as apreciações e opiniões das pessoas daqui, que estão tão bem informadas como qualquer estrangeiro pode estar, num esforço de chegar a um consenso sobre o que terá ocorrido, qual a força actual do governo e quais são as suas perspectivas.

Aparências superficiais em Moscovo imediatamente após as execuções

À minha chegada a Moscovo, achei que no aspecto das coisas tudo parecia normal. Não havia nas ruas, no trânsito ou nas multidões nada que indicasse problemas de qualquer espécie. Não havia sinais (de que falavam os artigos dos jornais) de cossacos acampados perto do Krémline ou deslocando-se em direcção à Praça Vermelha. Logo após a minha chegada, tive ocasião de me encontrar com diferentes comissários e funcionários do Comissariado dos Negócios Estrangeiros e não pude detectar nenhuma mudança no seu comportamento ou atitude. Num encontro com Litvínov, Comissário dos Negócios Estrangeiros, para discussão da situação espanhola e de questões europeias, perguntei-lhe directamente se ele tinha avaliado o grau em que estes acontecimentos tinham enfraquecido a União Soviética, junto da opinião da Europa Ocidental, enquanto potência militar e política. Ele declarou que o governo soviético, longe de estar fraco, estava mais forte do que antes e que um governo tinha de ser de facto muito forte para poder resistir à perda de tantos dos seus líderes punidos por traição e continuar em frente, «sem balanços», sinais de tempestade ou tensões, seguindo o seu caminho «no ramerrame habitual de todos os dias».

Condições actuais – as actividades violentas das «purgas»

Contudo, debaixo da superfície houve sinais de que foi desencadeada e continua em curso uma operação de grande magnitude. Tanto aqui na imprensa local como, particularmente, na regional houve constantes referências a processos crime contra centenas de acusados e a vastas «purgas e limpezas» no Partido. Estas prosseguem na indústria, na agricultura, nos meios científicos e artísticos, no teatro e, de facto, em todas as áreas de actividade. Críticas sempre violentas de diferentes situações e de indivíduos específicos aparecem diariamente nas colunas de notícias da imprensa controlada pelo governo. Ainda mais convincentes são os relatos transmitidos de boca em boca sobre o

desaparecimento ou a prisão desta ou daquela pessoa, por vezes proeminente, e muitas vezes discretamente insignificante. Com frequência, estes rumores foram corroborados por informações em primeira mão. Mas existem provavelmente muitos exageros. Contudo, na minha opinião, não há qualquer dúvida de que as autoridades conduziram, e estão a conduzir, uma actividade de «purga e limpeza» com grande vigor, severidade e uma crescente velocidade nestes últimos meses.

A execução destes oficiais do Exército Vermelho insere-se nesta situação geral. Esta tragédia particular não pode ser adequadamente compreendida ou interpretada senão enquanto parte de um quadro mais amplo.

Durante o julgamento de Rádek, os nomes do general Putna e do marechal Tukhatchévski foram mencionados. Na altura, Vichínski, o procurador, teve grande cuidado em absolver Tukhatchévski de uma possível cumplicidade criminosa. Todavia, imediatamente após este julgamento, Tukhatchévski desapareceu. Espalharam-se rumores de que ele estaria preso, etc.. Durante este período houve também muitas conversas sobre uma implacável luta fratricida que estaria a decorrer entre o exército e a polícia secreta.

Cronologia imediata da tragédia

No final de Março, Tukhatchévski regressou a Moscovo. Juntamente com Vorochílov, o general Egórov e outros dos acusados, Tukhatchévski compareceu num jantar que ofereci, em Abril, na Embaixada, para oficiais do Exército Vermelho. Na altura não houve sinais particulares de tensão nestes homens. Tukhatchévski tinha a reputação de ser um homem muito capaz. Não me impressionou muito. Tinha uma aparência bastante fresca e pueril, demasiado gordo para a sua altura, e parecia ser um homem que gostava da boa vida. O embaixador francês, Sr. Coulondre, disse que, a seu ver, a queda de Tukhatchévski tinha em parte origem nas suas indiscrições com uma amiga (aleadamente uma espia alemã).

Em Abril foi anunciado que Tukhatchévski seria um dos representantes oficiais na coroação do rei Jorge VI.

No dia 11 de Maio, foi oficialmente anunciada a sua destituição do cargo de vice-comissário da Defesa e a sua designação para um posto menor no distrito do Volga.

No dia 17 de Maio, o Comité Executivo Central do Partido Comunista decretou o controlo soviético sobre o exército. Daí em diante, cada região militar passou a ser comandada por um oficial militar e dois outros membros. Isto significou o «controlo partidário» absoluto sobre o exército e o domínio político sobre a acção e a disciplina militares.

No dia 11 de Junho, Tukhatchévski e os outros arguidos foram presos, acusados de traição e conspiração com um «estado estrangeiro» (a Alemanha). Foi anunciado que se confessaram culpados. No dia seguinte, foram dados como julgados e considerados culpados.

Factos coincidentes – actividades partidárias – eleições suspensas

Coincidentes com estes acontecimentos, houve desenvolvimentos de carácter político e económico que estavam inter-relacionados com a tragédia imediata destes fuzilamentos. Em Janeiro deste ano, o projecto final da nova Constituição Soviética foi ratificado e aprovado pelas assembleias constituintes das várias repúblicas. Esta foi concebida como uma constituição modelo, assegurando a protecção das liberdades e garantias individuais. Esta Constituição contém outras disposições com efeitos de grande alcance. Até agora, por exemplo, os trabalhadores industriais tinham uma grande vantagem na sua representação no governo relativamente à população agrícola. No anterior sistema cada 125 mil camponeses tinham direito a um representante, enquanto cada 25 mil trabalhadores

industriais tinham um representante. A nova Constituição mudou isto. Todos os eleitores foram colocados num plano de igualdade e, em acréscimo, foram garantidas eleições livres com sufrágio secreto e individual. Foi previsto que estas eleições decorressem em Maio, mas foram adiadas.

Durante os meses de Fevereiro e Março, dois membros do Soviete dos Comissários do Povo, ou seja, do governo, disseram-me que estavam a trabalhar dia e noite, negligenciando até os seus estritos deveres oficiais, no âmbito da preparação do Partido para as próximas eleições. O embaixador espanhol disse-me, na altura, que tinha sido informado de que, em Fevereiro e Março de 1937, no Plenário do Comité Central do Partido, fora debatido até que ponto era oportuno munir subitamente o eleitorado agrícola de tal enorme poder; que foi frisado que a razão do falhanço do movimento popular em Espanha estava no facto de a liderança local ter procurado dar igualdade e liberdade eleitoral, sem primeiro ter realizado a sua democracia através de uma organização e uma preparação apropriadas nos distritos rurais. O próprio Stáline terá resolvido este debate a favor do avanço, com o fundamento de que tal constituiria um teste para a capacidade do Partido Comunista, e que isso deveria ser enfrentado imediatamente com grande força e vigor.

No dia 5 de Março, no Plenário do Comité Central do Partido, Stáline proferiu um discurso histórico sobre a situação actual. Admoestou o Partido por ter dado demasiada atenção ao desenvolvimento económico e muito pouca ao bom funcionamento do aparelho partidário. Exigiu que cada membro do Partido se tornasse num soldado vigilante em defesa dos seus ideais contra os estados capitalistas, espíões estrangeiros, etc.. Fez um apelo explícito de apoio aos trabalhadores agrícolas e aos operários contra os gestores das empresas e líderes do Partido. Durante os meses de Março e Abril, e mesmo agora, todos os meios de propaganda – imprensa, rádio e agitação de massas – foram direccionados para a reorganização, depuração e revivificação da organização partidária.

Em 17 de Maio, segundo noticiou o *Pravda* de Moscovo, 55 por cento dos dirigentes das 54 mil organizações de base espalhadas por toda a União Soviética haviam sido eleitos pela primeira vez. Em 22 de Maio foi noticiada a renovação de entre 56 e 62 por cento de toda a organização do Partido, cobrindo dezenas de milhares de organizações partidárias; sublinhando-se que «o Partido está a ser reconstruído», que «o Partido está mais próximo das massas». Tudo isto para concluir que «as eleições não se fazem por si próprias».

Durante este período, a direcção do Partido também deu passos concretos ao encontro dos camponeses. A imprensa governamental criticou constantemente os dirigentes locais do Partido que eram acusados de oprimir os camponeses das explorações colectivas. Foram instaurados processos contra dirigentes locais por alegada má administração dos assuntos agrícolas. Foram reduzidos os impostos em género às cooperativas agrícolas e, por esse meio, aos camponeses individuais. Tudo isto tinha a marca de uma campanha política para conquistar o voto camponês.

Crise industrial coincidente

Em simultâneo com estes desenvolvimentos políticos, havia condições económicas preocupantes para o governo. A burocracia era responsável pelo gasto de verbas de milhares de milhões no desenvolvimento de grandes empresas industriais. Tinham feito muitas promessas de melhoramentos e benefícios para as massas, em compensação pelos sacrifícios pedidos ao proletariado. Não pode negar-se que foram alcançados enormes resultados, mas em 1937 era visível que a máquina estava com chiadeiras em alguns pontos e arrastava-se com dificuldade em muitos lugares. A indústria parecia não estar a funcionar tão bem como devia na base de uma sociedade altruísta, e os vários dispositivos para estimular a produção, que foram engenhosamente elaborados, apenas esporadicamente tinham êxito, para além de que havia sinais de descontentamento.

A produção de 1936 correspondeu ao plano e representou um aumento substancial em relação a 1935; mas começou a parecer que o ponto máximo tinha sido mais ou menos atingido e que havia o perigo de um retrocesso em 1937. Segundo a imprensa, havia muito descontentamento contra os stakhanovistas nas classes laboriosas mais baixas. O sistema aparentemente não estava a funcionar como era esperado. Havia graves problemas salariais e laborais. A actividade política na indústria, estimulada pelo discurso de Stáline de Março, agravou esta situação e tornou as condições ainda piores. A imprensa tem estado cheia de acusações, incriminações e ataques de todo o tipo contra pessoas, gestores e directores de fábricas, etc., em todos os sectores da indústria.

Um outro facto veio agravar este recuo no desenvolvimento económico planeado. A ameaça de guerra exigiu um aumento de 15 a 20 vezes das verbas cativadas pelo Estado, respectivamente, em 1935 e 1936, em relação ao orçamento de 1931. Este foi um pesado fardo suportado directamente pelo programa industrial. Muitas indústrias foram convertidas para usos militares. Fábricas de maquinaria agrícola, instalações fabris, indústrias siderúrgicas e outras foram redireccionadas para a construção de tanques, aviões, munições de guerra e afins. Isto abrandou novamente a realização dos benefícios prometidos ao proletariado pelo «poder instalado».

Todas estas forças estavam a convergir para a tragédia do Exército Vermelho. O partido no poder, isto é, o governo, estava confrontado com várias sérias ameaças: 1) a possibilidade de conspirações contra-revolucionárias, intrigas e assassinatos; 2) a possibilidade de conspirações contra-revolucionárias com o Japão, Alemanha e outros inimigos externos; 3) a possibilidade de os trotskistas terem penetrado toda a comunidade com sementes de revolução; 4) a possibilidade imediata de ser incapaz de controlar o eleitorado nas eleições iminentes; 5) a possibilidade de uma diminuição grave da produção industrial, pesada e ligeira, e de uma desorganização industrial em maior ou menor grau.

Tendo em conta estas condições, parece natural e provável que os poderes estabelecidos, que são um grupo forte de homens, deveriam dirigir todas as suas energias para reforçar e solidificar a sua posição. A auto-preservação implicaria que fizessem isso. Nada solidifica mais um partido político no poder do que o receio de uma guerra externa e de uma possível invasão.

O Exército e o Partido

Há ainda, obviamente, o facto de a fonte da maior fraqueza, mas também da maior força deste governo ser o Exército Vermelho. É o único factor da equação que poderia derrubar e destruir imediatamente o governo. Os observadores militares aqui presentes são praticamente unânimes na opinião de que, em termos de potencial humano e quadro de oficiais, é uma esplêndida organização. São aplicados os testes mais intensivos – físicos, nervosos e mentais – no treino e selecção dos oficiais. É razoável supor que, nestas condições, desenvolveu-se no exército uma classe de oficiais consciente da sua superioridade. Isto manifestou-se por si próprio nos últimos dois anos através de títulos, insígnias, graduações, ordens, decorações dos uniformes e afins. Embora a disciplina do exército e o seu equipamento técnico sejam de primeira classe, ninguém sabe melhor do que estes oficiais que isso significa que o Exército Vermelho está apenas todo «vestido mas sem sítio para onde ir», a menos que as condições industriais da retaguarda o permitam. Diz-se que tem havido muito descontentamento e que o exército tem exprimido uma grande quantidade de críticas contra a alegada ineficiência dos dirigentes políticos da indústria e a sua incapacidade para cumprir os compromissos com os fornecimentos.

Por conseguinte, em face destas situações críticas, se os homens no governo foram confrontados com a possibilidade de uma quebra de lealdade no próprio exército, não admira que tenham empregado tal rapidez e crueldade para demonstrar, de uma vez por todas, que o exército era uma criatura da burocracia política e não o seu dono. Acusar os

generais do exército de constituírem uma facção para a possibilidade de uma invasão alemã foi uma forma de mobilizar a nação para apoiar o governo.

Escassez de factos sobre a conspiração do Exército Vermelho

Agora não há factos disponíveis e é duvidoso que venham a estar nos tempos mais próximos de modo a permitirem fundamentar um relatório sobre o que aconteceu exactamente e o que constituiu o «crime» destes oficiais do Exército Vermelho. A opinião tem de se basear largamente em deduções a partir de factos conhecidos, e estes são poucos. Os relatos da imprensa aqui não têm praticamente mais nada excepto alegações. O mesmo se aplica à comunicação de Vorochílov ao exército. Quase tudo o que tem sido dito corresponde à posição do governo, isto é, que estes homens eram culpados de traição no Exército Vermelho, conspiraram com a Alemanha para derrubar o governo, admitiram a sua culpa, foram julgados pela nata do Exército Vermelho – os seus pares – e que, antes dos julgamentos, as provas da sua culpabilidade foram submetidas à apreciação de oficiais representantes de todos os distritos militares da União Soviética. O facto de que tal conferência teve realmente lugar, e que um grande número de oficiais esteve presente aqui em Moscovo nessa altura, parece ser confirmado por observadores militares estrangeiros, que viram muitos desses oficiais do Exército Vermelho, com quem se tinham encontrado em diferentes partes da União Soviética.

Deduções a partir dos factos conhecidos

Dado o carácter dos acusados, os seus longos tempos de serviço, a sua reconhecida excelência profissional, a sua lealdade de longa data à causa comunista, é pouco credível que os seus camaradas oficiais – Vorochílov, Egórov, Budióni, Bliúkher e muitos outros comandantes de distritos militares – tivessem concordado com a sua execução, a menos que estivessem convencidos de que estes homens eram culpados de algum crime.¹⁹ É geralmente aceite pelos membros dos corpos diplomáticos que os acusados tinham de ter sido culpados de algum crime que na União Soviética incorre em pena de morte.

A partir dos factos que temos, é possível fazer algumas deduções de como tudo provavelmente se passou. Era perfeitamente natural que homens decididos como estes criticassem o controlo político burocrático da indústria quando tal colocava o exército em dificuldades. É igualmente razoável admitir que um grupo de homens como estes reagisse vigorosamente à imposição de um sistema de espionagem sobre eles, por intermédio do aparelho da polícia secreta, controlado pelos políticos. Seria ainda natural para homens desta ténpera e, particularmente, com este treino, terem-se ressentido amargamente de uma possível destruição da boa organização militar que haviam construído, através da imposição do controlo político sobre o comando militar de cada distrito militar. É absolutamente correcto presumir que estes homens não permitiriam que o Partido do qual eram membros adoptasse uma tal orientação, como uma questão de «princípio partidário», sem manifestarem uma vigorosa oposição. É possível que eles tenham continuado a exprimir uma tal oposição.

Contudo, se parte destes oficiais continuou a manifestar a sua oposição depois de o controlo político sobre o exército ter sido estabelecido em resultado de uma decisão do Partido, em 17 de Maio, mesmo que se tratasse de simples discussões entre eles, a sua acção seria considerada como uma traição e um crime grave à luz das normas de conduta

¹⁹ O julgamento de Bukhárine, seis meses mais tarde, revelou provas que, a serem verdadeiras, mais do que justificavam esta acção. Sem dúvida que tais factos eram inteiramente conhecidos pelo tribunal militar nesta altura. (Nota do autor)

bolcheviques. Para o Partido no governo é um princípio fundamental que, uma vez decidida uma acção do Partido pelo voto da maioria, qualquer oposição posterior constitui uma traição.

Tendo em conta todas estas condições pode ser também bastante razoável considerar que os líderes partidários responsáveis pela condenação destes acusados estivessem convencidos de que aqueles generais do Exército Vermelho tinham suplantado os seus criadores e constituíssem uma séria ameaça à organização do Partido e ao seu domínio. Mas também é possível que estes líderes do Partido não tivessem grande dificuldade em interpretar a conduta dos acusados como uma conspiração aberta para impor a vontade do Exército sobre o Partido e que para isso se tivessem envolvido numa conspiração com o inimigo estrangeiro para derrubar o Estado.

Neste contexto e sob tal pressão, Stáline e os líderes do Partido agiram com grande rapidez e cruel severidade. Foram os primeiros a bater. O comunismo é a sua religião e ao executarem uma justiça rápida pela violação dos princípios do Partido, colocaram-se na posição forte de «servirem o Senhor». Também serviram os seus interesses, já que, com tal acção, se entrincheiraram no poder. Ao aditarem a acusação de traição ao Estado, tornaram-se o baluarte da defesa daquele nacionalismo russo que é constantemente estimulado através de qualquer forma disponível de propaganda.

O actual estatuto do regime de Stáline

O regime de Stáline, política e internamente, está provavelmente mais forte do que até agora. Toda a oposição potencial foi eliminada. Contudo, o desfecho da situação depende da atitude do exército. É o exército que em última instância tem a posição-chave. Não existe a ideia generalizada de que o moral do exército tenha sido basicamente afectado por esses acontecimentos. Continua a ser, no essencial, uma «tropa de cidadãos», comunista e partidária. «O Partido» tem penetrado insistentemente na juventude do exército como uma religião. Está provavelmente demasiado profundamente enraizado nas tropas para que possa ser facilmente destruído. No que diz respeito aos oficiais, estes reconhecem sem dúvida com realismo as condições existentes. Tem sido demonstrado de uma forma muito clara e cruel que é o Partido «quem manda». A polícia secreta é a agência pessoal de Stáline e do Partido. Ela está em cima da sela e o piso é duro! O novo titular desta organização, Ejov, é relativamente um homem novo. É constantemente visto com Stáline e é considerado como um dos homens mais fortes do governo. A sua eficiência e capacidade são muito respeitadas. Vorochílov, o chefe do exército, é um velho bolchevique. É em geral considerado como um homem de tipo forte e vigoroso, cujas convicções e lealdade não são influenciáveis por ambições pessoais. Parece ser inteiramente leal a Stáline. Todas as indicações são de que, pelo menos no presente, o exército é e continuará leal ao Partido. Se assim for, o regime de Stáline estará, pelo menos temporariamente, mais firmemente entrincheirado no poder do que até agora.

Efeitos no estrangeiro

O efeito destes fuzilamentos foi provavelmente mais grave pelas suas consequências adversas no contexto europeu, fora da Rússia, do que no interior da União Soviética. Não há dúvida de que a confiança da França e da Inglaterra na estabilidade do potencial aliado da Europa Oriental foi severamente abalada por estes acontecimentos.

Conclusão

Salvo assassinato ou uma guerra estrangeira, a posição deste governo e do actual regime parece inexpugnável no presente e provavelmente nos tempos mais próximos. O perigo do Corso foi para já afastado.

Senhor, tenho a honra de ser respeitosamente seu,

Joseph E. Davies



Alegadas actividades alemãs e finlandesas na Rússia²⁰

Budapeste, 22 de Setembro de 1937

Jornal

Chegam-me notícias de Moscovo de que 21 pessoas foram executadas na Província de Leninegrado pela organização de actos contra o Soviete provincial.

Foi noticiada a descoberta de uma grave conspiração na Carélia, cujo objectivo era isolar o porto de Múrmansk e a península de Kola através do corte da linha de caminho-de-ferro antes de Petrozavodsk. Agentes alemães e finlandeses são suspeitos de estarem implicados.



Alegada explosão de instalações da indústria química por espões alemães²¹

Viena, 29 de Setembro de 1937

Jornal

Notícias de Moscovo dão conta da execução de muitos oficiais de Khárkov, Rostov-no-Don, Sverdlovsk, Tiflis e noutros lugares. Em Leninegrado 16 pessoas foram fuziladas por conspirarem para assassinar membros do governo e destruir instalações da indústria química. Eles foram apresentados como espões da Polícia Secreta Alemã.



Moscovo, 19 de Janeiro de 1938

Jornal²²

Os Sovietes têm seguramente a «consciência dos espões». O senhor Mólotov denunciou publicamente determinados consulados estrangeiros «envolvidos em actividades de

²⁰ Pág. 195. (N. do Ed.)

²¹ Págs. 195-196. (N. do Ed.)

²² Pág. 228. (N. do Ed.)

espionagem hostis anti-soviéticas em território soviético» e avisou o Japão que os Sovietes iriam «pôr termo ao banditismo japonês na fronteira do Extremo Oriente».

+++

Oficiais soviéticos acusados de traição²³

Moscovo, 27 de Fevereiro de 1938

Jornal

Vinte e um homens proeminentes estão para ser julgados por traição, incluindo Bukhárine, Ríkov, Rakóvski, Grinko, Krestínski, Rosengolts, Iágoda, Tchernov e Ivánov, de acordo com o anúncio do Procurador-Geral.

A organização de espionagem, etc., ao serviço de estados estrangeiros, para provocar a guerra como objectivo de desmembrar a União e entregar a Ucrânia, a Bielorrússia, o Turquistão, o Cáucaso e a Província Marítima do Extremo Oriente a países inimigos, e o facto de estarem a soldo de estados estrangeiros são as principais acusações referidas.

+++

Litvínov sobre as confissões²⁴

Moscovo, 4 de Março de 1938

Diário

Litvínov e a sua filha chegaram para uma sessão de cinema às 5.30 horas.

Disse-me que estava muito chocado com a prisão de Krestínski. Não conseguia compreender que alguém pudesse confessar crimes, sabendo que eram puníveis com a morte, a menos que fosse realmente culpado. Disse que, no último Verão, quando Ríkov e Bukhárine foram levados à força e confrontados, perante o Comité Central do Partido, por Sokólnikov e Rádek, refutaram as acusações, reclamando veementemente a sua inocência, mesmo quando rebentaram em lágrimas; porém, ao que parece, eles eram de facto culpados, já que, ulteriormente, fizeram confissões completas. Disse que, conhecendo-os como ele os conhecia, não podia compreender as suas confissões finais à luz de qualquer outra teoria que não fosse a de que eles eram, de facto, culpados. «Um homem só morre uma vez», disse-me, e aqueles homens sabiam que seriam seguramente condenados à morte depois de tais admissões solenes de culpa. Foi lastimável, mas o governo tinha de se assegurar e não podia correr riscos. Era uma sorte, disse, o país ter uma liderança suficientemente forte para tomar as necessárias medidas preventivas.

²³ Pág. 229. (N. do Ed.)

²⁴ Pág. 229. (N. do Ed.)



Sessão de abertura do julgamento de Bukhárine e Ríkov²⁵

Moscovo, 2 de Março de 1938

Diário

O julgamento por traição dos «direitistas» – grupo de Bukhárine e Ríkov – teve início no antigo Salão dos Nobres, agora a Casa dos Sindicatos. Cada embaixada ficou confinada a um bilhete de admissão, por isso tive de ir ao julgamento sem intérprete. Sentado imediatamente à frente da zona da imprensa americana, dependia do seu intérprete e da sua ajuda para seguir os depoimentos. Felizmente, o coronel Koznic, o ministro estónio que fala um inglês perfeito, sentou-se ao meu lado e sussurrou-me as traduções. Tinha servido no exército tsarista e estudado em Petrogrado na sua juventude. Era difícil encarar os réus no banco sem nos contrairmos. Estava ali Krestínski, vice-ministro dos Negócios Estrangeiro, a quem eu havia apresentado as minhas credenciais há um ano atrás; Rosengolts, antigo Comissário do Comércio, com quem almocei faz este mês precisamente um ano, na sua casa de campo; o Dr. Pletnov, o especialista em doenças cardíacas que me tratou profissionalmente e que eu conhecia bem; e Grinko, o ministro das Finanças. Aqueles homens estavam ali sentados, a cerca de três metros e meio de mim, no banco dos réus. Espero que tenham visto nos meus olhos a tristeza que senti ao voltar a vê-los nestas condições.



Moscovo, 8 de Março de 1938

Diário²⁶

Fui mais uma vez ao julgamento de Bukhárine, ao qual tenho assistido diariamente desde que começou há uma semana.

O Dr. Lévine testemunhou sobre a coerção exercida por Iágoda, o chefe da polícia secreta, compelindo-o, a ele e aos seus colaboradores, a aplicar um «tratamento de morte» a Máximo Górkí, ao seu filho e a outros, como parte de um plano para desacreditar o Krémline. Foi uma história horrível e bizarra.

À boca pequena corre a história de que Iágoda, um dos acusados, estava apaixonado pela bela jovem esposa do filho de Górkí e que Górkí terá provocado a hostilidade de Iágoda por se ter interposto no triângulo. Diz-se que Iágoda temia Górkí devido à sua grande popularidade no povo russo. Alegadamente, esse terá sido em parte o motivo que levou Iágoda a chantagear estes médicos para conspirarem na «cura de morte» de Górkí (que sofria de tuberculose), prescrevendo-lhe um tratamento que o mataria em vez de o curar.²⁷



²⁵ Pág. 233. (N. do Ed.)

²⁶ Pág. 234. (N. do Ed.)

²⁷ Iágoda, mais tarde numa confissão em pleno Tribunal, quando chegou a este momento, requereu que o seu depoimento sobre estes assuntos pessoais fosse prestado antes da audiência numa sessão fechada. Deste modo, para que conste, não há qualquer confirmação destes rumores embora sejam geralmente aceites como verdadeiros. (Nota do autor)

Julgamento por traição de Bukhárine²⁸

Moscovo, 8 de Março de 1938

Querida «Bijou»:²⁹

Durante a última semana tenho assistido às sessões diárias do julgamento por traição de Bukhárine. Certamente que o tens seguido pela imprensa. É espantoso. Tenho-o achado de grande interesse intelectual porque põe em jogo todas as velhas faculdades analíticas necessárias para avaliar a credibilidade das testemunhas e separar o trigo do joio – a verdade da mentira – às quais eu próprio tive que recorrer durante tantos anos em julgamentos.

Todas as fraquezas e vícios fundamentais da natureza humana – as ambições humanas no seu pior – têm vindo ao de cima nas audiências. Estão a revelar as linhas principais de um plano, que estive muito perto do êxito, para provocar o derrubamento deste governo.

Este depoimento torna claro agora aquilo que aconteceu na Primavera e Verão passados e que não podíamos compreender. Recordar-te-ás de que as pessoas na chancelaria nos falaram de uma actividade invulgar junto ao Krémline logo que os portões eram fechados ao público; que havia sinais de muita agitação e uma mudança no tipo de soldados de sentinela. Certamente te recordas que nos disseram que os novos guardas eram quase todos soldados recrutados na Geórgia, a terra natal de Stáline.

Os extraordinários depoimentos de Krestinski, Bukhárine e restantes parecem indicar que os receios do Krémline eram bastante justificados. Por agora parece que, no início de Novembro de 1936, existiu um plano para levar a cabo um golpe de estado, em Maio do ano seguinte, encabeçado por Tukhatchévski. Aparentemente tudo estaria pronto nessa altura caso tivesse sido efectivamente montado.

Mas o governo agiu com grande vigor e rapidez. Os generais do Exército Vermelho foram fuzilados e toda a organização do Partido foi expurgada e minuciosamente depurada. Então descobriu-se que um bom número dos do topo estava seriamente infectado com o vírus da conspiração para derrubar o governo e colaborava efectivamente com as organizações dos serviços secretos da Alemanha e do Japão.

A situação explica a actual atitude oficial de hostilidade em relação aos estrangeiros, o encerramento de vários consulados estrangeiros neste país, e outras coisas do género. Muito francamente, não podemos condenar muito as autoridades por reagirem desta maneira, caso tenham feito fé no que agora está a ser divulgado no julgamento.

Mais uma vez deve ser lembrado que não se pode inferir de forma conclusiva que a circunstância de estes factos terem sido aduzidos em declarações de criminosos confessos os torna consequentemente falsos.

Agora tenho de terminar porque o julgamento recomeça às 11 horas e estou com pressa.

Moscovo, 12 de Março de 1938

Diário³⁰

Fui ao julgamento. As «últimas palavras» de Pletnov, Rosengolts e de outros arguidos foram perturbantes pelo seu interesse e tragédia. Particularmente as de Rosengoltz. Foi

²⁸ Págs. 235-237. (N. do Ed.)

²⁹ Minha filha Emlen – agora Sr.^a Robert Grosjean. (Nota do autor)

³⁰ Pág. 237. (N. do Ed.)

apenas há um ano atrás que passamos o dia na sua casa de campo e jantámos com Grinko, Krestínski, o procurador Vichínski, o juiz Ulrikh, Mikoian, Rozov e Vorochílov. Na altura não causei qualquer impressão nalguns deles quando acentuei os perigos de uma guerra estrangeira, incitando-os a pagarem a dívida que tinham para connosco. Os réus no julgamento, incluindo alguns destes homens, de acordo com as suas declarações, queriam a guerra! Não Vorochílov e alguns outros. Há um ano atrás, ele apoiava fortemente o pagamento da dívida aos EUA.

O chamado julgamento em massa por traição de Bukhárine³¹

Moscovo, 17 de Março de 1938

N.º 1039

Para o Excelentíssimo Secretário de Estado

Confidencial

Senhor:

Tenho a honra de informar que confirmo pela presente o envio do telegrama cifrado relativo à sentença do tribunal no chamado julgamento em massa por traição de Bukhárine.

A paráfrase do telegrama é a seguinte:

Em 13 de Março de 1938, aproximadamente às cinco horas da manhã, todos os réus no julgamento foram declarados culpados e sentenciados. Três dos réus foram condenados a prisão e os restantes à morte por fuzilamento. Oito dos mais proeminentes antigos membros do governo soviético, incluindo um anterior primeiro-ministro, seis antigos ministros, um dos mais proeminentes líderes do Partido e membro do *Politburo*, bem como um antigo presidente de uma das repúblicas constituintes estavam entre os condenados a fuzilamento. Foram condenados a prisão um antigo embaixador na Inglaterra e na França, um antigo conselheiro da embaixada soviética em Berlim e um famoso cardiologista.

Apesar do preconceito que se levanta perante provas obtidas por confissão e do preconceito contra um sistema judicial que não proporciona praticamente nenhuma protecção ao acusado, após uma observação diária das testemunhas e do seu modo de depor, as corroborações inconscientes que produziram e outros factos no decurso do julgamento, conjuntamente com outros que poderiam ser apensos ao processo, é minha opinião neste momento que os arguidos políticos estão envolvidos em crimes suficientes à luz da lei soviética, entre aqueles que constam na acusação, que foram estabelecidos pela prova sem possibilidade razoável de dúvida, que justificam o veredicto de culpados de traição e a pena da sentença estipulada pelo código penal soviético. A opinião geral dos diplomatas que assistiram com mais assiduidade ao julgamento foi de que o processo demonstrou o facto de que houve uma formidável oposição e uma conspiração extremamente grave, que explicam muitos dos desenvolvimentos, até agora inexplicáveis, dos últimos seis meses na União Soviética. A única diferença de opinião que parece existir refere-se ao grau de envolvimento dos diferentes arguidos no conluio e o grau de centralização da conspiração.

Senhor, tenho a honra de ser respeitosamente seu,

Joseph E. Davies

³¹ Págs. 237-238. (N. do Ed.)



Quinta-colunistas na Rússia *Um estudo em retrospectiva – 1941*³²

Nota: Apesar de este texto ter sido escrito depois da invasão alemã da Rússia no Verão de 1941, é aqui inserido porque parece ser o lugar lógico para ilustrar como os julgamentos por traição destruíram a Quinta Coluna de Hitler na Rússia. – J.E.D.

De passagem por Chicago, no regresso a casa vindo da cerimónia de formatura de Junho na minha antiga Universidade, fui convidado para uma sessão pelo Clube Universitário e outras associações do Wisconsin. Havia apenas três dias que Hitler tinha invadido a Rússia. Alguém na assistência perguntou: «O que pode dizer sobre os quinta-colunistas na Rússia?» Sem rodeios respondi: «Não existem nenhuns – foram fuzilados».

Naquele dia, no comboio, aquele pensamento persistiu na minha cabeça. Era algo extraordinário, quando se pára para pensar nisso, que nesta última invasão nazi não tenha aparecido uma única palavra sobre «trabalho interno» atrás das linhas russas. Na Rússia não houve nenhuma chamada «agressão interna» cooperante com o alto comando alemão. A marcha de Hitler até Praga, em 1939, foi acompanhada do apoio militar activo das organizações de Henlein³³ na Checoslováquia. O mesmo aconteceu na invasão da Noruega. Na descrição soviética não houve Henleins sudetas, Tisos³⁴ eslovacos, Degrelles³⁵ belgas ou Quislings³⁶ noruegueses.

Pensando em tudo isto, veio-me à mente o clarão de que algumas coisas que aconteceram na Rússia quando estive lá podiam ter um novo significado. Mal cheguei a Washington apressei-me a reler as minhas antigas entradas de diário e, com autorização do Departamento de Estado, revi alguns dos meus relatórios oficiais.

Nenhum de nós na Rússia, em 1937 e 1938, pensava em termos de actividades de uma «Quinta Coluna». A expressão não era corrente. É relativamente recente a introdução na nossa língua de expressões descritivas das técnicas nazis, tais como «Quinta Coluna» ou «agressão interna».

De modo geral, as pessoas bem informadas suspeitavam que tais métodos poderiam ser empregues por Hitler; mas muitos pensavam que essa era uma daquelas coisas que não podiam realmente acontecer. Foi só nos últimos dois anos, através da Comissão Dies³⁷ e do

³² Págs. 239-246. (N. do Ed.)

³³ Konrad Henlein (1898-1945) sudeta pró-nazi, líder do Partido Alemão dos Sudetas (SdP), que defendia a separação das regiões do Norte da Boémia e do Sul da Morávia da Checoslováquia. Foi julgado como criminoso de guerra pelo Tribunal de Nuremberga. (N. do Ed.)

³⁴ Jozef Tiso (1887-1947), padre católico, é eleito deputado no parlamento checoslovaco e entra para o governo, acedendo finalmente ao posto de presidente da Eslováquia após a invasão dos nazis, dos quais se torna vassalo impondo um feroz regime fascista e anti-semita. (N. do Ed.)

³⁵ Léon J.M.I. Degrelle (1906-1994), escritor e jornalista na imprensa católica, fundou o Movimento Rex, que rapidamente se tornou num partido fascista, que apoiou a ocupação nazi. Degrelle entrou para o exército nazi, combatendo na Frente Este com a 28.^a Divisão das SS da Valónia. Exila-se em Espanha em 1945, onde se naturaliza e reside durante cerca de 50 anos até à morte. (N. do Ed.)

³⁶ Vidkun Quisling (1887-1945), oficial do exército norueguês até 1921, diplomata nos anos 20, ministro da Defesa de 1931 a 1933, fundou o Partido da União Nacional, em 1933, mas é só após a invasão nazi que se proclama chefe do governo, colaborando activamente com os ocupantes nazis. Após a libertação do país, Quisling é julgado, condenado por alta traição e fuzilado em Outubro de 1945. (N. do Ed.)

³⁷ Nome dado à Comissão sobre Actividades Anti-Americanas (*House Committee on Un-American Activities* (HUAC)), criada em 1938 (ver nota mais alargada no índice de nomes). (N. do Ed.)

FBI, que começaram a ser descobertas as actividades de organizações alemãs neste país e na América do Sul e que começámos a ver o trabalho efectivo dos agentes alemães agindo com traidores na Noruega, Checoslováquia e Áustria, que traíram o seu país a partir do interior, cooperando com o ataque planeado de Hitler.

Aparentemente, estas actividades e métodos estavam presentes na Rússia desde 1935, fazendo parte do plano alemão contra os soviéticos.

Foi em 1936 que Hitler fez o seu hoje famoso discurso de Nuremberga, no qual apontou claramente os seus desígnios sobre a Ucrânia.

Agora sabe-se que o governo soviético já estava na altura perspicazmente consciente dos planos dos altos comandos políticos e militares alemães e do «trabalho interno» em curso na Rússia para a preparação de um ataque alemão contra a Rússia.

Ao reflectir sobre esta situação, vi subitamente o quadro que deveria ter visto naquele tempo. A história foi contada nos chamados julgamentos por traição ou purgas de 1937 e 1938, a que assisti atentamente. Ao reexaminar a partir deste novo ângulo as actas destes processos, bem como os textos que escrevi na altura, descobri que praticamente todos os dispositivos de uma actividade quinta-colunista alemã, tal como a conhecemos agora, foram revelados e postos a nu pelas confissões e depoimentos obtidos naqueles julgamentos dos auto-confessados «Quislings» da Rússia.

Era claro que o governo soviético, ao saber que tais actividades existiam, ficou profundamente alarmado e agiu vigorosamente para as esmagar. Em 1941, quando ocorreu a invasão alemã, todas as quintas colunas antes organizadas tinham sido aniquiladas.

Outro facto difícil de compreender na altura, mas que toma um novo significado à luz dos desenvolvimentos, foi o modo como o governo soviético «abalroou» as representações consulares da Alemanha e da Itália em 1937 e 1938. Isto foi feito de um modo muito autoritário. Houve uma desconsideração rude e quase brutal das sensibilidades dos países envolvidos. A razão evocada pelo governo soviético era que estes consulados estavam envolvidos em actividades internas políticas e subversivas; e que, por causa destes factos, tiveram de ser encerrados. Naquele ano, os anúncios de julgamentos e execuções (purgas) por toda a Rússia condenaram invariavelmente os acusados como culpados de traição e de actividades subversivas em benefício de «uma potência estrangeira» para derrubar o Estado soviético.

Todas as noites após o julgamento, depois daquelas sessões nocturnas tardias, os jornalistas americanos vinham à embaixada para comer uma «bucha» e beber uma cerveja e recapitular as audiências do dia. Entre estes estavam Walter Duranty e Harold, do *New York Times*, Joe Barnes e Joe Phillips do *New York Herald Tribune*, Charlie Nutter ou Dick Massock da *Associated Press*, Norman Deuel e Henry Shapiro, da *United Press*, Jim Brown, da *International News*, e Spencer Williams representando o *Manchester Guardian*. Eram um grupo de homens excepcionalmente brilhantes. Passei a contar com eles. Tinham para mim um inestimável valor na apreciação e avaliação das pessoas, das situações e novos acontecimentos soviéticos. Eu próprio processei ou defendi homens acusados de crimes em muitos casos da minha vida profissional. Shapiro era também um advogado, formado na Faculdade de Direito de Moscovo. O seu conhecimento da legislação soviética foi muito útil. Os outros homens estavam todos muito familiarizados com as condições e personalidades soviéticas e com a psicologia russa. Tivemos discussões interessantes que se prolongavam pela noite dentro.

Todos nós na altura em Moscovo prestámos relativamente pouca atenção a este lado dos processos. Alguns de nós pareciam ter «perdido o comboio». Eu fui certamente um deles. Não há dúvida de que, de modo geral, centramos mais a nossa atenção na luta dramática pelo poder, entre os que estavam «dentro» e os que estavam de «fora» – entre Stáline e Trótski –, e no confronto de personalidades e políticas no seio do governo soviético, do que em possíveis actividades de quintas-colunas alemãs, as quais todos tínhamos tendência para negligenciar.

No meu próprio caso, devia estar melhor informado pois houve dois factos que me deveriam ter colocado de sobreaviso. Tive conhecimento deles e os outros não os conheciam. Um deles ocorreu durante uma entrevista que tive pouco depois da minha chegada a Moscovo com um responsável dos Negócios Estrangeiros soviético; o outro ocorreu em Berlim, em Janeiro de 1937, antes de chegar a Moscovo, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, numa entrevista que tive como o vice-ministro alemão.

A história que foi revelada nestes julgamentos pôs a descoberto um extraordinário registo de actividades quinta-colunistas e subversivas na Rússia, no âmbito de uma combinação conspirativa com os governos alemão e japonês. A essência dos depoimentos patente nas actas é a seguinte:

Os principais arguidos tinham entrado numa conspiração montada por eles próprios em conluio com a Alemanha e o Japão para ajudar estes governos num ataque militar à União Soviética. Eles acordaram e realmente cooperaram em planos para assassinar Stáline e Mólotov, e planearam um golpe militar contra o Krémline, que deveria ser chefiado pelo general Tukhatchévski, a segunda figura na cadeia de comando do Exército Vermelho. Na preparação para a guerra acordaram e realmente planearam e dirigiram a sabotagem de indústrias, a explosão de indústrias químicas, a destruição de minas de carvão, a destruição de infra-estruturas de transporte e outras actividades subversivas. Acordaram realizar e realizaram todas as acções que o quartel-general alemão lhe exigiu que executassem, conforme instruções que recebiam desse quartel-general. Acordaram e de facto conspiraram e cooperaram com os serviços secretos militares alemães e japoneses. Acordaram e de facto cooperaram com os representantes consulares alemães em coordenação com a actividade de espionagem e sabotagem. Acordaram e realmente transmitiram à Alemanha e ao Japão informação vital sobre a defesa da União Soviética. Acordaram entre si e com os governos alemão e japonês cooperar na guerra contra o governo soviético e fundar um estado soviético mais pequeno, que entregaria grandes extensões da União Soviética, a Ucrânia e a Bielorrússia, na parte ocidental, à Alemanha, e as Províncias Marítimas, no Leste, ao Japão.

Acordaram que depois da conquista alemã da Rússia, as empresas alemãs receberiam concessões e facilidades na exploração do minério de ferro, manganês, petróleo, carvão, madeira e outros recursos principais da União Soviética.

Para se compreender inteiramente o carácter e o significado deste depoimento que ouvi pessoalmente, deve ter-se em mente que os factos relativos a esta conspiração foram testemunhados por dois membros do governo de primeira importância, o Comissário das Finanças e o Comissário do Comércio Externo, por um antigo primeiro-ministro e dois embaixadores soviéticos que serviram em Londres, Paris e Japão; por um anterior vice-comissário e um comissário em exercício, bem como por dois dos mais importantes editores e publicistas dos dois principais jornais da União Soviética.

Para se avaliar o significado destas declarações, é como se, no nosso país, o secretário do Tesouro Morgenthau, o secretário do Comércio Jones, o sub-secretário de Estado Welles, o embaixador Bullitt, o embaixador Kennedy e o secretário da presidência Early tivessem confessado conspirar com a Alemanha para colaborar numa invasão dos Estados Unidos.

Aqui estão alguns excertos dos depoimentos em audiência aberta:

Krestínski, vice-comissário dos Negócios Estrangeiros, disse:

«Chegámos a acordo com os generais Seeckt e Hess em que ajudaríamos a Reichswehr a criar um determinado número de bases de espionagem no território da URSS (...) Em troca, a Reichswehr comprometeu-se a pagar-nos 250 mil marcos anualmente como subsídio.»

Grinko, comissário das Finanças, disse:

«Conhecia e tinha ligações com pessoas, tanto da organização ucraniana como no Exército Vermelho, que estavam a preparar-se para abrir a fronteira ao inimigo. Actuei em particular na Ucrânia, o mesmo é dizer que estava nos portões principais através dos quais a Alemanha está a preparar o golpe contra a URSS.»

Rosengolts, comissário do Comércio, afirmou:

«Entreguei várias informações secretas ao comandante-em-chefe da Reichswehr (...) Ulteriormente foram estabelecidas ligações directas pelo embaixador na URSS, a quem eu periodicamente dava informações com natureza de espionagem.»

Sokólnikov, antigo embaixador na Grã-Bretanha, afirmou:

«O Japão, no caso de tomar parte na guerra, receberia concessões territoriais no Extremo Oriente, na região de Amur, e nas Províncias Marítimas; quanto à Alemanha, foi planeado satisfazer os interesses nacionais da Ucrânia.»

O testemunho de muitos dos arguidos menos importantes demonstrou o facto de que, sob ordens dos principais réus, tinham ligações directas com os serviços secretos alemães e japoneses e cooperaram com eles em operações sistemáticas de espionagem e sabotagem; e também cometeram ou participaram em numerosos crimes. Por exemplo, Rataichak declarou que organizou e foi responsável por duas explosões nas fábricas de fertilizantes de nitrogénio em Gorlovka, que provocaram enormes perdas materiais bem como de vidas humanas. Púchkine contribuiu ou assumiu a responsabilidade pelo desastre nas empresas químicas de Voskressensk e na fábrica de Névski. Kniazev contou como planeou e executou a destruição de comboios de tropas, provocando grandes perdas de vidas, sob orientações ou instruções expressas de serviços secretos estrangeiros. Também relatou como recebeu instruções desses serviços secretos estrangeiros, *«para organizar incêndios provocados em armazéns militares, cantinas e carregamentos militares»*, e sobre a necessidade de usar *«meios bacteriológicos no momento da guerra com o objectivo de contaminar comboios militares, cantinas e acampamentos do exército com bacilos virulentos»*.

Os depoimentos nestes processos envolveram e incriminaram o general Tukhatchévski e muitos altos oficiais do exército e da marinha. Pouco depois do julgamento de Rádek, estes homens foram presos e acusados de terem feito um acordo para cooperar com o alto comando alemão num ataque contra o Estado Soviético. Numerosas actividades subversivas conduzidas no exército foram reveladas pelos depoimentos. Muitos dos altos oficiais no exército, de acordo com os depoimentos, ou foram corrompidos ou induzidos de outra forma a entrar nesta conspiração. De acordo com os depoimentos, estava estabelecida uma cooperação total com os altos comandos da Alemanha e do Japão em cada ramo do exército, no grupo político revolucionário e no grupo militar.

Esta é a história conforme foi revelada nestes julgamentos do que realmente aconteceu. Não pode haver qualquer dúvida de que as autoridades do Krémline ficaram fortemente alarmadas com estas revelações e confissões dos arguidos. A rapidez com que o governo agiu e a minúcia com que procedeu mostram que eles acreditavam que tudo isto era verdade. Tomaram medidas para limpar a casa e agiram com a maior energia e precisão. Vorochílov, comandante-em-chefe do Exército Vermelho, disse:

«É mais fácil a um ladrão assaltar uma casa se tiver um cúmplice que o deixe entrar. Nós tomamos conta dos cúmplices.»

O general Tukhatchévski não foi à coroação em Londres como tinha planeado. Foi noticiada a sua transferência para o comando do exército do distrito do Volga; mas falou-se na altura que foi retirado do comboio e preso antes de chegar ao seu comando. Poucas semanas depois, em 11 de Junho, ele com mais 11 outros oficiais do alto comando foram fuzilados conforme a sentença lida após o julgamento por um tribunal marcial, cujas actas não foram tornadas públicas. Todos estes julgamentos, purgas e liquidações, que pareceram tão violentos na altura e que chocaram o mundo, são vistos agora muito claramente como uma parte de um esforço vigoroso e determinado do governo de Stáline para se proteger a si próprio, não apenas da insurreição no interior, mas também de um ataque do exterior. Eles trabalharam minuciosamente para limpar e expurgar todos os elementos desleais dentro do país. Todas as dúvidas foram resolvidas a favor do governo.

Em 1941 não havia quinta-colunistas na Rússia – tinham sido fuzilados. A purga purificou o país e livrou-o da traição.

Índice de Nomes

Bliúkher, Vassili Konstantinovitch (1889-1938), membro do Partido desde 1916, destacou-se como militar na Guerra Civil, tornando-se no primeiro condecorado com a ordem de Cavaleiro da Bandeira Vermelha. Foi preso em 1938, na sequência de uma operação falhada contra o exército japonês no Extremo Oriente, tendo falecido na prisão durante os interrogatórios.

Budiónni, Semióne Mikháilovitch (1883-1973), membro do Partido desde 1919 e do CC entre 1934 e 1952, candidato (1952-54). Participou na guerra russo-nipónica e na I Guerra. Foi o fundador do primeiro Exército de Cavalaria da URSS. Recebeu as mais altas condecorações pelos serviços prestados na Guerra Civil. Comandante da Região Militar de Moscovo em 1937, integra o Estado-Maior durante a II Guerra e comanda várias frentes até 1942. Em 1954 é aposentado.

Bukhárine, Nikolai Ivánovitch (1888-1938), membro do Partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* entre 1924 e 1929 (candidato desde 1919). Economista e publicista, liderou os «Comunistas de Esquerda» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõe à colectivização e industrialização acelerada. Expulso do Partido em 1937, é detido nesse ano, sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938.

Comissão sobre Actividades Anti-Americanas (*House Commitee on Un-American Activities* - HUAC), criada em 1938, ficou conhecida nos anos que precederam a II Guerra como Comissão Dies, apelido do seu presidente Martin Dies, e foi precursora da comissão presidida a partir de 1952 por Joseph McCarthy (*Senate Permanent Subcommittee on Investigation*). Inicialmente foi concebida para investigar o envolvimento de norte-americanos de origem germânica nas actividades do Ku Klux Klan. Todavia, a sua atenção incidiu quase exclusivamente sobre o Partido Comunista dos EUA, o *American Youth Congress*, organização juvenil filiada no Komintern, e os círculos intelectuais ligados às artes e às letras. Já após a guerra, em 1947, a HUAC, que entretanto ganhou o estatuto de comissão permanente, promoveu, entre outros, o célebre caso dos «Dez de Holywood», acusando produtores, autores e realizadores da indústria cinematográfica de propaganda comunista. Em resultado da sua acção, mais de 300 artistas são expulsos dos estúdios, entre eles, Charlie Chaplin, que, como Bertolth Brecht e tantos outros, se vê forçado a abandonar os Estados Unidos. Um dos filmes que despertaram a fúria dos acusadores foi precisamente «Missão em Moscovo» (*Mission to Moscow*), baseado na obra homónima de Joseph E. Davies, estreado em 1943 com realização de Michael Curtiz.

Degrelle, Léon J.M.I. (1906-1994), escritor e jornalista na imprensa católica, fundou o Movimento Rex, que rapidamente se tornou num partido fascista, que apoiou a ocupação nazi. Degrelle entrou para o exército nazi, combatendo na Frente Este com a 28.^a Divisão das SS da Valónia. Exila-se em Espanha em 1945, onde se naturaliza e reside durante cerca de 50 anos até à morte.

Egórov, Aleksandr Ilitch (1883-1939), membro do Partido desde 1918. Militar de carreira participante na I Guerra, comandou as frentes Sul e Sudoeste durante a Guerra Civil. Foi chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho (1921-1935) e do Estado-Maior General em simultâneo com o cargo de vice-comissário da Defesa (1937-38). Marechal da URSS (1935) é preso em 1938. Confessa a sua participação na conspiração militar e é condenado a fuzilamento.

Eideman, Robert Petróvitch (1895-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Comissário e comandante de várias divisões durante a Guerra Civil, torna-se responsável e comissário da Academia Militar Frúnze (1925-32) e redactor-chefe da revista *Voína e Revolútsia* (1927-36). Preso em 1937, denuncia 20 pessoas e admite ter participado na conspiração militar-fascista.

Ejov, Nikolai Ivánovitch (1895-1940), membro do Partido desde 1917, do CC (1934-39), candidato do *Politburo* (1937-39), dirigiu o *NKVD* (1936-1938) e o Comissariado dos Transportes Fluviais (1937-39). Em 1939 é preso e julgado por traição ao Estado, espionagem e ligação a uma organização militar clandestina no interior do Exército Vermelho que se propunha derrubar o governo soviético. É executado em 4 de Fevereiro de 1940.

Feldman, Boris Mirónovitch (1890-1937), membro do Partido desde 1920. Militar de carreira, foi adjunto do comandante da região militar de Moscovo. Preso em 1937, denunciou um grande número de militares e admitiu a sua participação na conspiração militar-fascista.

Gamárnik, Ian Boríssovitch (verdadeiro nome Iankel Boríssovitch Pudikóvitch) (1894-1937), membro do Partido desde 1916. Foi responsável pelo comité de Kíev após a revolução de Fevereiro de 1917, primeiro secretário do Comité provincial do Extremo Oriente (1927-28) e do CC do PC (b) da Bielorrússia (1928-29), chefiando, entre 1929 e 1937, a Direcção Política do Exército Vermelho, bem como a redacção do jornal *Krásnaia Zvesda*. Em simultâneo, entre 1930 e 1937, foi primeiro vice-comissário dos Assuntos Militares e Marítimos (Comissariado da Defesa a partir de 1934). Acusado no processo da conspiração militar, suicidou-se antes da sua iminente prisão.

Grinko, Grigóri Fiódorovitch, (1890-1938), membro do Partido desde 1920, candidato do CC (1934-37). Foi comissário da Educação da Ucrânia (1929-22), presidente do *Gosplan* da Ucrânia (1922-23 e 1925-26), vice-presidente do *Gosplan* da URSS (1926-29) e vice-comissário da Agricultura (1929-30). Em 1930 é designado Comissário das Finanças cargo de que é exonerado em 1937, sendo preso dias depois. Confessa-se culpado e é condenado a fuzilamento em 1938.

Henlein, Konrad (1898-1945) sudeta pró-nazi, líder do Partido Alemão dos Sudetas (SdP), que defendia a separação das regiões do Norte da Boémia e do Sul da Morávia da Checoslováquia. Foi julgado como criminoso de guerra pelo Tribunal de Nuremberga. (N. do Ed.)

Iágoda, Guénrikh Grigórievitch (1891-1938), membro do Partido desde 1907, do CC desde 1934 (candidato desde 1930), participou na insurreição armada em Petrogrado. Adjunto de Dzerjinski em 1924, de Menjinski em 1926, torna-se presidente da OGPU e comissário do Povo dos Assuntos Internos (NKVD) entre 1934-36, sendo depois nomeado comissário das Comunicações (1936-37). Em 1938 é preso, julgado e condenado a fuzilamento.

Iakir, Iona Emanuïlovitch (1896-1937), membro do Partido desde 1917 e do CC desde 1934 (candidato desde 1930). Militar do Exército Vermelho desde 1918, comandou tropas contra forças de intervenção romenas, alemãs e austríacas. Condecorado com três ordens, é nomeado, em 1925, comandante da Forças Armadas da Ucrânia e Crimeia. Entre 1926 e 1928 estuda na Academia Militar Superior na Alemanha. Em 1937 é nomeado comandante da região militar de Leningrado. Preso nesse ano, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista.

Ivanov, Vladímir Ivánovitch (1893-1938), membro do Partido desde 1915, do CC desde 1934, candidato desde 1925. Secretário do Comité Distrital de Moscovo do Partido (1917), secretário do Comité Provincial de Iaroslav (1920-21), candidato ao *presidium* da Comissão Central de Controlo do CC (1924-25), primeiro-secretário do PC (b) do Uzbequistão (1925) e da Província do Cáucaso do Norte entre 1931 e 1936. Designado comissário da Indústria Florestal em 1936, é preso no ano seguinte, confessa-se culpado pela organização de revoltas de kulaques na Cáucaso, em 1928, entre outros crimes. Foi condenado a fuzilamento em 1938.

Litvínov, Maksíme Maksímovitch (1876-1951), membro do Partido desde 1898, do CC a partir de 1934. Participante na revolução de 1905-07, representante do Partido no Bureau Internacional Socialista (1914), torna-se vice-comissário (1921) e comissário (1930-39) dos Negócios Estrangeiros da URSS. Foi representante da URSS na Liga das Nações (1934-38) e embaixador nos EUA (1941-43), voltando ao Ministério até 1946, ano em que se reforma.

Kork, Avgust Ivánovitch (1887-1937), membro do Partido desde 1927. Militar participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Condecorado na Guerra Civil, torna-se comandante das tropas da região militar de Khárkov (1921) e da região militar de Moscovo entre 1929 e 1935. Em 1935 dirige a Academia Militar Frúnze. Preso em 1937, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista.

Krestinski, Nikolai Nikoláievitch (1883-1938), membro do Partido desde 1903, do CC desde 1917 e do *Politburo* desde 1919. Ministro das Finanças da Rússia Soviética entre 1918-1920, foi um dos líderes do «Comunistas de Esquerda». Em 1927 afasta-se de Trótski, mas apoia a «Nova Oposição». Entre 1930 e 1937 foi vice-comissário dos Negócios Estrangeiros. Preso em 1937, é condenado a fuzilamento em 1938.

Mikoian, Anastas Ivánovitch (1895-1978), membro do Partido desde 1915, do CC entre 1923-76 (candidato desde 1922) e do *Politburo* entre 1935 e 1966, (candidato desde 1926). Teve uma longa carreira política iniciada com Lénine e terminada com Bréjnev. Em 1926 é designado Comissário do Povo do Comércio Interno e Externo. Depois ocupa as pastas dos Aproveitamentos (1930-34), da Indústria Alimentar (1934-38), do Comércio Externo (1946-49), do Comércio (1953-55). Apoiante de Khruchov, é finalmente eleito presidente do *Presidium* do Soviete Supremo, cargo que ocupa entre 1964 e 1965, mantendo-se até 1974 como membro do órgão máximo da URSS.

Mólotov, Viatcheslav Mikháilovitch (1890-1986), membro do Partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do Partido em 1961 foi reintegrado em 1984.

Ossoaviakhim, Fundada oficialmente em 1927, (*Óbchestvo Sodéistvia Oborone, Aviatsionnomu e Khimitcheskomu Stroitelstvu*), sucedeu a duas outras organizações de voluntários civis, a primeira das quais criada em 1920 com o nome Associação Militar Científica, e existiu até 1948. Depois de várias reorganizações, deu origem, em 1951, a uma organização unificada de voluntariado para toda a União Soviética, a Associação de Voluntários de Assistência ao Exército, Aviação e Marinha

Primakov, Vitáli Márkovitch (1897-1937), membro do Partido desde 1914. Participante no assalto ao Palácio de Inverno enquanto militar e torna-se comandante durante a Guerra Civil. Dirigiu a Escola Superior de Cavalaria (1924-25), foi conselheiro militar na China (1925-26), adido militar no Afeganistão e Japão (1927-30), vice-comandante da região militar do Cáucaso do Norte (1933-35) e vice-comandante da região militar de Leningrado (1935). Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista.

Putna, Vítovt Kazimírovitch (1893-1937), membro do Partido desde 1917. Militar, participante na I Guerra, ingressa no Exército Vermelho em 1918. Participou no esmagamento da revolta de Kronchtadt (1921) e de levantamentos de agricultores no Baixo Volga. Condecorado na Guerra Civil, integra a «Oposição trotskista» em 1923. Entre 1927 e 1931 é adido militar no Japão, Finlândia e Alemanha. Entre 1931 e 1934 comanda um corpo militar no Extremo Oriente. Em 1934 é adido militar na Grã-Bretanha. Preso em 1936, confessa a sua participação na conspiração militar-fascista.

Quisling, Vidkun (1887-1945), oficial do exército norueguês até 1921, diplomata nos anos 20, ministro da Defesa de 1931 a 1933, fundou o Partido da União Nacional, em 1933, mas é só após a invasão nazi que se proclama chefe do governo, colaborando activamente com os ocupantes nazis. Após a libertação do país, Quisling é julgado, condenado por alta traição e fuzilado em Outubro de 1945.

Rádek, Kark Berngárdovitch, verdadeiro apelido Sobelson, (1885-1939), ingressa no Partido Socialista Polaco em 1902, adere ao POSDR em 1903 e, no ano seguinte, ao movimento social-democrata do Reino da Polónia e da Lituânia. Em 1917 junta-se aos bolcheviques, é eleito para o CC (1919-24), mas milita no grupo dos «Comunistas de Esquerda», que se opõe ao tratado de Brest-Litovsk. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (1920-24), torna-se trotskista em 1923. Preso em 1936, é um dos principais arguidos do processo do «Centro Anti-Soviético Trotskista Paralelo». Em Janeiro de 1937 é condenado a dez anos de prisão, onde vem mais tarde a falecer.

Rakóvski, Khristiane Gregórievitch (1893-1941), nasceu na Bulgária, torna-se membro do Partido em 1917 e do CC entre 1919 e 1927. Preside o Soviete de Comissários do Povo da Ucrânia (1919-23), embaixador da URSS na Inglaterra e em França (1923-27). Em 1927 é excluído do Partido por participação na «Oposição Trotskista» e reintegrado em 1935 após o exílio (1928-34). Preso em 1937, confessa sua participação em diferentes conspirações e a sua actividade de espião ao serviço da Inglaterra e do Japão. É condenado a 20 anos de prisão e, em Setembro de 1941, executado por agitação capitulacionista e organização de fugas.

Ríkov, Aleksei Ivánovitch (1881-1938), membro do Partido desde 1899, do CC (1905-07, 1917-18, 1920-34) candidato (1907-12 e 1934-37), do *Politburo* (1922-30). Foi presidente do Soviete de Comissários do Povo da URSS (1924-1930). Expulso do Partido e preso em 1937, é julgado e condenado a fuzilamento em 1938.

Rosengolst, Arkadi Pávlovitch (1889-1938), membro do Partido desde 1905, candidato do CC (1934-37) e da Comissão Central de Controlo (1927-34). Após a revolução de Outubro integra o comité executivo do Soviete de Moscovo, participa activamente na organização do exército e em vários ministérios. Entre 1925 e 1927 foi conselheiro e representante da URSS no Reino Unido. Vice-comissário da Inspeção Operária e Camponesa (1928-30), é designado, em 1930, comissário do Comércio Externo, cargo de que é exonerado em 1937, sendo preso meses depois, julgado e condenado a fuzilamento em 1938.

Sokólnikov, Grigóri Iákovlevitch (1888-1939), membro do Partido desde 1905, do CC entre 1917 e 1919 (candidato entre 1930 e 1936), do *Politburo* em 1917 (candidato entre 1924 e 1925). Depois da Revolução de Outubro desempenhou vários cargos partidários e governamentais. Expulso em 1936, é julgado por actividades contra-revolucionárias e condenado a dez anos de prisão, onde foi assassinado por um recluso.

Tchernov, Mikhail Aleksándrovitch (1891-1938), menchevique desde 1909, adere aos sociais-democratas internacionalistas entre 1918 e 1920, ano em que é admitido no Partido, sendo eleito para o CC em 1934. Ocupa vários cargos regionais e centrais até se tornar vice-comissário do Aprovisionamento (1930), presidente do Comité dos Aprovisionamentos de Produtos Agrícolas (1933-34) e comissário da Agricultura (1934-37). Exonerado de funções é preso em Novembro de 1937, julgado e condenado a fuzilamento em 1938.

Tiso, Jozef (1887-1947), padre católico, é eleito deputado no parlamento checoslovaco e entra para o governo, acedendo finalmente ao posto de presidente da Eslováquia após a invasão dos nazis, dos quais se torna vassalo impondo um feroz regime fascista e anti-semita.

Tukhatchévski, Mikhail Nikoláievitch (1893-1937), membro do Partido desde 1918 e candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, nomeado marechal da União Soviética em 1935, ocupa o cargo de vice-comissário dos Assuntos Militares e Marítimos (designado Comissariado da Defesa em 1934) entre 1931 e 1936. Preso em Maio de 1937, confessa-se culpado, é julgado e condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas.

Ubórevitch, Ierónime Petróvitch (1896-1937), membro do Partido desde 1917. Militar participante na I Guerra, foi um dos organizadores do Exército Vermelho na Bessarábia. Sobe na carreira militar durante a Guerra Civil, combatendo contra os generais brancos Dénikine e Vránguel. Recebe três altas condecorações, é nomeado comissário militar da República do Extremo Oriente (1922) e comanda várias regiões militares a partir de 1925. Em 1930-31 exerce o cargo de vice-presidente do Conselho Revolucionário Militar da URSS. Preso em 1937 confessa a sua participação na conspiração militar-fascista.

Ulrikh, Vassíli Vassilevitch (1889-1951) aderiu ao movimento revolucionário em 1908 e ao Partido em 1910. Foi presidente do Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS (1926-48) e, em simultâneo, vice-presidente do Tribunal Supremo da URSS (1935-38).

Vichínski, Andrei Ianúrievitch (1883-1954), jurista e diplomata soviético. Membro do Partido desde 1920, do CC (1937-50 e 1954), menchevique entre 1903 e 1920. Foi procurador da União Soviética (1933-39), dirigindo a acusação contra destacados ex-dirigentes soviéticos, implicados em actividades contra-revolucionárias. Ocupou altos cargos no Ministério dos Negócios Estrangeiros entre 1940 e 1953.

Vorochílov, Kliment Efrémovitch (1881-1969), membro do Partido desde 1908, do CC (1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da Guerra Civil, torna-se comissário para os Assuntos militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946), e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60).